
WATANABE, Lygia Araujo. *Platão, por mitos e hipóteses: um convite à leitura dos Diálogos*. São Paulo: Editora Moderna (Coleção Logos), 1995. 174 p.

Lygia Araujo Watanabe, professora de História da Filosofia Antiga no Departamento de Filosofia da USP, segue, na primeira parte de seu livro, uma trajetória sistemática, procurando apresentar Platão através de discussões sobre sua biografia (cap. 1), sua obra (cap. 2) e seus mestres, sejam eles, especificamente, citados e discutidos (cap. 3), sejam eles mestres que “ficaram à sombra” (p. 86), influenciando o filósofo sem serem, explicitamente, nomeados (cap. 4). Na conclusão, convida a pensar as idéias, reconhecendo nisto o valor da obra de Platão (cap. 5). A segunda parte consiste em uma antologia da obra de Platão, prefaciada com um resumo dos Diálogos reconhecidos como autênticos e uma nota sobre a tradução dos mesmos. As traduções dos textos apresentados são da Autora. Em anexos, a obra oferece questões para reflexão, um tema para dissertação, bibliografia e uma pequena nota biográfica sobre a Autora.

O livro conta com dois quadros cronológicos (um da pré-história aos nossos dias e outro de 470-322 a.C.), um quadro sinótico agrupando as obras de Platão em tetralogias (Oxford), um mapa da Grécia antiga (séc. V a. C.) e aproximadamente

dezessete figuras (reproduções da arte grega, esquemas, fotos etc). As notas de pé de página são poucas e geralmente dirigidas ao esclarecimento do texto: poucas notas apresentam dados bibliográficos. Todos os termos gregos são apresentados em transliterações acompanhados de tradução, geralmente feita na primeira vez que o termo aparece no livro. Desta forma o leitor que não tem conhecimento da língua grega pode aproveitar a leitura com um mínimo de perda.

O título, “Platão, por mitos e hipóteses”, explica a forma pela qual a Autora se aproxima do filósofo, reconhecendo que uma interpretação definitiva de Platão “talvez nem seja possível” (p. 10). Lygia reconhece que para aproximar-se de Platão “somos obrigados a caminhar lentamente, como por hipóteses” (p. 12). Ela, entretanto, nos conduz com elegância neste trajeto lento. A distância entre Platão e o leitor moderno é ressaltada. A reconstituição do momento histórico e da vida do filósofo é feita com o cuidado de mesclar informações históricas e anedotas, buscando, contudo, livrar-se de estereótipos tradicionais impingidos a Platão, como por exemplo, o erro popular de apresentar Aristóteles como herdeiro do pensamento da Academia (p. 42).

Ao formular hipóteses sobre a obra de Platão, o livro conduz o leitor pela história dos textos platônicos. Inicia apresentando a concepção dialogada, que reproduz a dialética, o método

de Platão. Prossegue mostrando a necessidade de uma crítica textual, ou ecdótica, para estabelecer um “texto ideal” (p. 50) que seja o mais próximo possível ao original. Termina apresentando as formas como os Diálogos têm sido citados, traduzidos e agrupados. A apresentação dos diálogos em categorias tais como autênticos, apócrifos, contestados e suspeitos (p. 50-51) ajuda o leitor a tomar ciência da problemática envolvendo o escopo da obra platônica.

O capítulo 3 que trata dos mestres hipotéticos de Platão é enriquecedor por tomar os poetas arcaicos e sobretudo os filósofos pré-socráticos como base, causa e contexto da obra de Platão. Este é um cânone exegético a ser aplicado a toda obra de Platão. Seu verdadeiro “pano de fundo” e contexto contra o qual deve ser interpretado são os pré-socráticos e os outros filósofos contemporâneos. Interpretações de Platão utilizando Aristóteles, os neoplatônicos e até os filósofos cristãos, podem ter sua utilidade, mas correm o risco de serem meras atribuições de sentido ao texto, sem nenhuma referência ao verdadeiro sentido original.

Os mestres hipotéticos de Platão são divididos em quatro categorias. Na classe dos mestres rejeitados estão Homero, Hesíodo e os poetas. Os mestres citados seriam Parmênides, Heráclito e Anaxágoras. Os mestres suspeitos são os sofistas, entre os quais

destaca-se Protágoras. O mestre reconhecido é Sócrates. A Autora quase poderia tentar justapor estas quatro categorias aos graus do ser e do conhecer expostos na imagem da linha (*República* VI, 509 c ss) onde uma seqüência de mestres: “rejeitados - suspeitos - citados - reconhecido” seriam colocados em paralelo às seqüências “imagens sensíveis - objetos sensíveis - objetos matemáticos - idéias” e “imaginação - crença - conhecimento discursivo - dialética”.

Ao falar dos mestres silenciados de Platão (cap. 4), Lygia Watanabe faz sua contribuição mais provocante. Propõe que o silêncio de Platão sobre os pitagóricos, apesar de sua constante utilização de vocabulário, conceitos e discussão de temas, revela sua profunda influência sobre ele. Ela apresenta, sobretudo através do estudo da alma, a dívida de Platão para com os pitagóricos. O capítulo torna-se útil não somente para o aprendizado dos pressupostos de Platão, mas até mesmo para o entendimento dos pitagóricos.

A este respeito, em sua conclusão (cap. 5), ela afirma: “Parece mesmo que Aristóteles não exagerou muito ao sugerir que o platonismo não passava de um pitagorismo modificado pelo socratismo. Na verdade, o arcabouço mitológico da obra de Platão, o imaginário platônico, parece ter saído diretamente da escola pitagórica. O seu método e o valor que Platão confere à discussão equânime das questões tratadas

são seus traços socráticos.” (p. 119). Ao afirmar isto, a Autora reconhece que as distâncias entre os pitagóricos e Platão, entre Sócrates e Platão ainda estão por ser determinadas (p. 119).

O livro de Lygia Watanabe fascina pela simplicidade, prudência e erudição. Simplicidade porque teve êxito em redigir, em linguagem acessível, temas complexos da filosofia antiga. A prudência se manifesta em cada instante em que a Autora faz questão de ressaltar a precariedade de nossos conhecimentos e interpretações da filosofia antiga. A erudição manifesta-se por seus conhecimentos da filosofia dos pré-socráticos que ela utiliza com maestria na elucidação das questões sobre as quais Platão se debruçou.

Uma das características desta obra, e seguramente da metodologia da Autora, é a atenção à doxografia sobre Platão e sobre os filósofos anteriores. A frase “que não entre aquele que não for geômetra!” (p. 117), colhida na doxografia, é, de fato, uma diretriz para a compreensão do pensamento sobre Platão conforme exposto neste livro. Esta atenção à doxografia, juntamente com a ênfase dada ao pitagorismo cer-

tamente serão os elementos que causarão mais discussão entre os leitores de Platão que trabalham com base em outros pressupostos.

O subtítulo da obra, “Um convite á leitura dos Diálogos”, revela um dos lemas da Autora, *ad fontes*, e mostra seu objetivo em relação aos seus leitores. Talvez explique o pequeno tamanho da antologia, que consta de apenas um quarto do livro.

O livro é construído por uma série de belas hipóteses sobre Platão, mas em momento algum a Autora fala em que sentido está se aproximando dele por “mitos”. Não define o sentido de mito, conforme utiliza no título de sua obra. Talvez com mitos queira referir-se aos que Platão cita (p. 10) ou aqueles de que depende (p. 119). Pode ser que queira falar de aproximar-se de Platão através de narrativas incertas e da doxografia a respeito dele (p. 23). Ficou a cargo do leitor a definição do sentido completo do título.

ÁLVARO CÉSAR PESTANA*
Seminário Bíblico Nacional

* Mestre em Grego pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da FFLCH-USP e Professor do Seminário Bíblico Nacional.